

AFRIKA, AFRIKANIDADE: DESAFIOS E PERSPECTIVAS NO CONTEXTO SOCIO-ECONOMICO NA CONTEMPORANIDADE

AFRIKA, AFRIKANITY: CHALLENGES AND PERSPECTIVES IN THE SOCIOECONOMIC CONTEXT IN CONTEMPORANITY

Frederico Paulo Jorgina ¹

RESUMO

O presente artigo trata dos desafios e perspectivas dos governos afrikanos. A África vive numa situação que a sua história foi aprisionada, manipulada, ocultada pelo colonizador é limitado dos seus objectivos, os mesmos são traçados por instituições internacionais que comandam a economia e influenciam negativamente certas políticas não agradáveis, fomentando assim os conflitos para cada vez mais fragilizarem as políticas internas dos governos afrikanos, que muitos deles desrespeitam os direitos humanos, influenciado na marginalização do seu próprio povo. Parafraçando Mbeki(2001), Wade (2002), entre outros, consideram que a transformação estrutural e sistemática da África passa pela construção de sociedades mais abertas, mais democráticas, mais transparentes, mais participativas e mais justas. Todavia, Fátima Roque (2005, 2012), sustenta que o sucesso da transformação de AfriKa depende da superação dos obstáculos de pobreza extrema, exclusão social e analfabetismo; frágil harmonia social, política e militar; corrupção, abuso de poder; fracas estruturas políticas e sociedades civis pouco desenvolvidas; discriminação de género, de classes e entre a cidade e meio rural; infra-estruturas debilitadas; desemprego estrutural e demasiada dependência do sector público; dívidas externas insustentáveis e problemas nas contas de capital.

PALAVRAS-CHAVE: Afrika. Desafios. Contemporanidade.

ABSTRACT

The present article treats of the challenges and perspectives of the governments afrikans. África lives in a situation that its history was arrested, manipulated, hidden by the colonizer is limited of their objectifs, the same ones are drawn by international institut they command the economy and they influency negatively certain politics not available, fomenting the conflicts for more and more to distroing the domestic policies of the governments afrikans, that many of them disrespect the human rights, influenced in the marginalization of our own people. Paraphrasing Mbeki(2001), Wade (2002), they consider that the structural transformation and systematic of Afrika, go by the construction of societies more open, more democratic, more transparent, more participatives and fairer. Though, Fátima Roque (2005, 2012), it sustains that the success of the transformation of AfriKa depends on the superation of the poverty obstacles exalts, social exclusion and illiteracy; fragile social harmony, politics and soldierly; corruption, abuse of power; weak structures politics and civil associations little developed; gender discrimination, of classes and among the city and half rural; weakened infrastructures; structural unemployment and too much dependence of the public sector; unsustainable foreign debts and problems in the capital accounts.

KEYWORDS: Afrika. Challenges. Contemporanity.

¹Doutorado em História pela ACU - Absolute Christian University, Mestre pela Universidade Marien Nguabi- kongo Brazaville na opção de didáctica de história e ciências sociais; Licenciado em ciências de educação na opção de ensino de história pela Universidade Agostinho Neto, no instituto superior de ciências de educação de Cabinda; Professor de História e Metodologia de História pela escola de formação de professores e no Instituto Superior politécnico do soyo; investigador em questões de história de Afrika de modo particular Angola. Contacto: **E-mail:** manguitukulufpj@gmail.com. **Currículo Lattes:** lattes.cnpq.br/2599571464052193. **Nº de telefone:** 00244 928 78 65 70, 00244 993857340.

INTRODUÇÃO

A Afrika é o berço de humanidade» esta é a expressão mais veiculada pelos muitos especialistas de história. O que acontece, verdadeiro sentido da frase numa acção prática da realidade objectiva dos factos não é vivido. Encarrado o continente afrikano como uma região sem história e sem futuro (visão ocidental, que não condiz a verdade desta veracidade de facto), tendo em conta enormes situações que o afligem as populações: fome, guerras civis, conflitos étnicos, epidemias e outras situações que confirmam o subdesenvolvimento em Afrika sobretudo na Afrika subsariana ocupa uma região de 80% do continente e reúne 47 países. Sua população é predominantemente negra e cristã. É a área mais pobre do planeta, com indicadores socioeconómicos que estão entre os piores do mundo além disso, os países sofrem com epidemias: a região concentra 70% dos casos de Aids e 90% de malária registrados no mundo. Na realidade este quadro comprometedor tem levado muitos a procurar soluções ideias para que Afrika se afirma na escala mundial. Sabe-se que alguns políticos embora sem sucessos em várias tentativas, não tem baixado os braços, trabalhando para desenvolverem o continente na recuperação dos valores perdidos, reconstruir as estruturas humanas e materias que foram destruídas pela instabilidade que agitou e agita o continente. O continente alberga quase 9% das reservas globais de petróleo. A exportação de minérios valiosos, como estanho, cobalto, níquel, cromo e ouro, move a economia de muitos países. Os países que mais sofrem com os conflitos são: Líbia, Nigéria, Somália e Mali lutam contra grupos terroristas. Sudão do Sul e República Centro-Africana estão em guerra civil. Já na República Democrática do Congo há disputa por riquezas minerais. A Afrika tem 17 milhões de refugiados e a maior parte dos deslocamentos acontece

entre os países vizinhos, mas muitos cruzam o Mediterrâneo para chegar à Europa.

O artigo tem como objectivo geral analisar as várias situações do âmbito socio-económico-político, baixa sustentável das condições de vida dos afrikanos.

Objectivo específico: Reflectir nas possíveis soluções do continente em aspectos inerentes ao subdesenvolvimento pobreza, jogos do poder, discriminações, corrupção, total dependência ao mundo exterior, assimetrias e outros males que afligem a Afrika.

O objecto de estudo em causa: Desafios e perspectivas de Afrika, afrikanidade no contexto socio-económico na contemporaneidade. Com base a este objecto de estudo tivemos algumas perguntas em reflexão que ajudou desenrolar a pesquisa científica na perspectiva da África, afrikanidade: Quais as principais causas do subdesenvolvimento de Afrika?

Para responder a pergunta, enunciou-se as seguintes hipóteses, servindo de respostas prévias: Os países afrikanos dotam ao longo dos anos a dependência das políticas económicas externas; Falta de boas políticas internas e externas, unidade, responsabilidade dos líderes afrikanos; Presença de conflitos internos em Afrika; influência de potências mundiais na corrida de exploração dos recursos naturais; falta de uma boa gestão dos recursos naturais pela parte dos líderes afrikanos; Ainda vivemos na era duma nova colonização atendendo as políticas dotadas pelos líderes afrikanos.

REFERENCIAL TEÓRICO

Afrika, Afrikanidade. Sendo afrikano e professor de história de Afrika, trouxe essa abordagem em formas de reflectirmos os diversos desafios que vivemos no âmbito socio-cultural, político, institucional e económico, com as respectivas discriminações, assimetrias, etc. Esses problemas que a Afrika vive é

apontado em várias obras dos vários autores afrikanos e estrangeiros com seus pontos de vistas diferentes sobre a questão em referência.

Parafraseando a economista lusa Fátima Roque, no livro *África, a NEPAD e o futuro*, editado em 2007, alguns desses estudos enfatizam a deterioração em muitos dos países que constituem este continente, dos indicadores de desenvolvimento humano, económico, financeiro, institucional e sectorial, ao mesmo tempo que evidenciam o comportamento deficiente de determinadas indicadores qualitativas relacionadas com a paz, a reconciliação, a legitimidade democrática e a governabilidade política, a desigualdade e a discriminação (ROQUE 2012: 25-26).

No entanto, refere-se aos vários factores que estão na base da problemática da pobreza, do atraso e marginalização de África, de exclusão social e da discriminação da maioria das suas populações, os antigos presidentes sul-afrikanos e tanzaniano Thabo Mbeki e Benjamim Mkapa consideraram durante o Fórum Económico Mundial, realizado em Davos, em 2001, que os conflitos armados, os movimentos migratórios, a falta de humanismo, a corrupção e a incompetência de muitas lideranças africanas têm contribuído, em parte, para despoletar as crises contínuas e manter o subdesenvolvimento em que a maioria dos países se encontra.

A outra obra intitulada o desenvolvimento do continente afrikano na era da mundialização, editado em 2005, Fátima Roque, considera que papel igual deve ser atribuído à escravatura, à cobiça internacional, aos jogos de poder, à exploração, à manipulação de governos e das multinacionais, ao comércio corrupto de armas e à atribuição de comissões avultadas para a manutenção de negócios duvidosos (ROQUE 2005: 21; 2012: 26).

A mesma autora supracitada aponta características que são comuns aos países africanos envolvidos em conflitos ou em situação recente de reconstrução pós-conflito: Deterioração dos indicadores

sociais e crescente desigualdade na distribuição dos rendimentos, da riqueza e das oportunidades, Défice fiscal elevado e grave desequilíbrio na balança de pagamentos, Descordenada e insustentável dívida externa e serviço da dívida, Inflação elevada e controlo ineficiente das despesas públicas, com despesas importantes não incluídas no orçamento e com desfastamento nas contas fiscais, quase total destruição das infra-estruturas físicas e sociais, sérias rupturas no mercado e desagregação regional e provincial, total desconfiança nas reformas económicas e insatisfação generalizada com a corrupção ao nível do Estado, do Governo e das Forças Armadas (ROQUE 2005: 23).

Portanto, muita insatisfação e frustração reina por parte dos afrikanos em relação aos líderes políticos e por estes não terem encontrado respostas adequadas aos problemas estruturais que os afectam, tornam urgente transformar África de forma a construir-se sociedades mais democráticas, participativas, justas, desenvolvidos e pacíficas.

DESAFIOS DOS GOVERNOS DE AFRIKA NO PONTO DE VISTA SOCIO-ECONOMICO

Relata-se claramente os principais desafios que os governos afrikanos enfrentam em pleno século XXI, são eles: Consolidar a legitimidade interna e cooperar activamente na construção do Estado-Nação, reduzir a pobreza e a exclusão social, garantir a segurança e promover a confiança, equilibrar os custos e os benefícios da transformação para um desenvolvimento inclusivo e da integração nas áreas social, política, económica e institucional. Mais para isso, é preciso que os governos melhorarem a prevenção e gestão de conflitos, dotar a governação democrática e gestão transparente, tolerância para a diversidade política e cultural, Respeito pelos direitos humanos, Promoção do papel da mulher em todas as actividades, economias de mercado socialmente orientadas e responsáveis, legislação e instituições

adequadas a um desenvolvimento de rosto humano, governabilidade e transparência, incluindo, códigos de conduta e declarações de património para os dirigentes a nível central, regional e local, fortalecimento dos serviços de inspecção, desempenho efectivo com independência dos poderes políticos, da alta autoridade contra a corrupção, dos vários tribunais e dos Comissários para a fiscalização dos direitos humanos.

PERSPECTIVAS DOS GOVERNOS DE AFRIKA NO CONTEXTO SOCIO-ECONÓMICO E POLÍTICO

Aponta-se alguns indicadores fundamentais na perspectiva de transformação sustentável político económico da Afrika do séc. XXI:

Construir um continente em paz e unido à volta de objectivos e valores comuns, o que implica eleger governos eficientes, transparentes e responsáveis perante o eleitorado, Garantir e proteger os direitos básicos e liberdades, incluindo a igualdade de oportunidades para todos e a capacitação empoderamento dos mais desfavorecidos, Promover o papel da mulher em todas as actividades, estabelecer a paz nacional, regional e continental, baseada na tolerância honesta da diversidade, bem como desenvolver uma visão humanista da sociedade e da política.

No contexto económico: Conceber e aplicar estratégias de desenvolvimento sustentado ao longo prazo, assegurar a estabilidade macro-económica e promover um ambiente propício ao investimento privado nacional, regional e estrangeiro, promover um padrão equitativo de distribuição do rendimento e da riqueza, bem como de desenvolvimento regional e provincial, promover o crescimento equitativo e sustentado, bem como o desenvolvimento social, através de disciplina fiscal, desenvolvimento dos recursos humanos, investimento directo estrangeiro e redução da dívida externa; reduzir progressivamente a incidência de pobreza e exclusão social, apostar na

cooperação produtiva regional e internacional para facilitar uma participação mais efectiva na economia global.

PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Os factos foram analisados mediante o uso de métodos do nível teórico específico tais como, análise documental, dedutivo é um dos métodos que nos permitiu na recolha de alguns documentos tais como documentos administrativos; método do nível empírico tais como observação não participante que nos permitiu observar indireitamente o desenrolar de factos que trouxemos na objectividade em correlação ao objecto pesquisado; a pesquisa bibliográfica permitiu a recolha de algumas referências analisadas, discutidas cientificamente e publicadas; também se fez o uso da entrevista estruturada aberta em que o entrevistado era livre ao exprimir sobre o objecto em estudo. Dentro desta, entrevistamos alguns professores de história. Relativamente aos tipos de pesquisa, ela é de natureza qualitativa de abordagem descritiva e histórica que permitiu-nos descrever, compreender e explicar os acontecimentos passados com base às informações já existentes.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O baixo nível de industrialização e a dependência de exportação de commodities fragilizam sua economia. Esse modelo favorece as elites locais e as multinacionais. Ainda há indícios de problema da corrupção em Afrika sendo um dos factores que trava o desenvolvimento do continente.

Entre século XV e XX, o continente africano sofreu os efeitos da colonização, visivelmente com acontecimento da pilhagem dos recursos naturais e a imposição de fronteiras artificiais. A economia ainda é dependente do exterior.

A colonização gerou rivalidades internas ainda não superadas. Disputas por poder, terras e recursos

naturais, somadas à miséria, os conflitos. Grupos terroristas se instalaram em muitos países.

A falta de unidade dos líderes africanos faz com que haja o fracasso do desenvolvimento sustentável no contexto político, económico e social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O continente sofreu a invasão colonial total no século XIX na conferência de Berlim, com a divisão geográfica injusta das fronteiras entre os países. Com o tráfico de humanos e devido a uma série de factores históricos e políticos que fomentaram a pobreza e os conflitos armados na região.

Portanto, para possível solução do desenvolvimento do continente de modo particular África subsariana é preciso em primeira instância que os governos africanos e o próprio povo de África estejam unidos, deixem de ser influenciados pelos países avançados para que tracemos as boas políticas sociais económicas internas que vão facilitar o desenvolvimento sustentável abrangente ao todo continente africano. Por isso, defendemos a África, africanidade. Isto quer dizer que África é uma dádiva para os africanos, possuímos uma cultura diferente dos outros, a sua própria realidade baseado no valor da tradição relacionada no princípio da democracia e pelo respeito do ser humano. É nesta sustentabilidade das ideias a razão que os africanos possam assumir tratar os seus assuntos internos na procura das melhores vias do desenvolvimento do continente. Embora algumas políticas influenciadoras dos países avançados acabam por travar as boas iniciativas para desenvolvimento de África. Interferindo e fomentando os problemas internos dos africanos, aproveitando assim explorar os recursos naturais de África.

REFERÊNCIAS

Agenda de desenvolvimento sustentável 2030, incluindo os Objectivos de Desenvolvimento Sustentável. New York, United Nations, 2015.

BERGGRUEN Nicolas e GARDELS Nathan, 2013 (1.ª edição), *Governança inteligente para o século XXI*. Lisboa, Prisa Edições.

BARBOSA, Muryatan. A perspectiva Africana de Joseph Ki-Zerbo. In: MACEDO, José Rivair (Org.). O pensamento africano no século XX. São Paulo: Outras Expressões, 2016.

HERNANDEZ, Leila Gonçalves. A itinerância das ideias e o pensamento social africano. Anos 90, Porto Alegre, v.1, n.40, p.195-225, dez., 2014.

IRELE, Francis Abiola. Négritude et condition africaine. Paris: Karthala, 2008.

Mecanismo africano de avaliação pelos pares (APRM), União Africana (UA), Durban, África do Sul, Julho de 2002.

JAMES, Cyril Lionel Robert. A History of Pan-african Revolt. Oakland: PM Press, 2012.

M'BOKOLO, Elikia. África Negra – história e civilizações: tomo II (do século XIX aos nossos dias). Salvador: EDUFBA, São Paulo: casa das Áfricas, 2011.

MBEMBE, Achille. “As formas Africanas de Auto-Inscrição”. Estudos Afro-Asiáticos, Ano 23, n. 1, p.171-20, 2001.

MUDIMBE, Yves V. A invenção da África: gnose, filosofia e a ordem do conhecimento. Mangualde: Ed. Pedagogo, 2013.

Nova Parceria para o Desenvolvimento Sustentado de África (NEPAD), União Africana (UA), Lusaka, Julho de 2001.

ROQUE Fátima Moura, 2012 (2.ª edição), *África, a NEPAD e o Futuro*. Luanda, Texto Editores.

-----, (Coord.), 2005, *O desenvolvimento do continente africano na era da mundialização*. Coimbra, Edições Almedina.